

ESCULTURAS EM MADEIRA POLICROMADA: DETERIORAÇÕES OU VANDALISMO?

MÁRIO A. SOUSA JÚNIOR*

Introdução

Estudos preliminares de um grupo escultórico em madeira policromada pertencente ao acervo de imaginária sacra da cidade de Paracatu - Minas Gerais, apresentando particularidades específicas quando do levantamento do estado de conservação e na determinação das possíveis causas de deteriorações verificadas quando da realização do projeto de conservação e restauração do referido acervo.

Antecedentes

Com o início do projeto de conservação e restauração,¹ em 2000, foram efetuados o levantamento do estado de conservação e a documentação fotográfica dessa coleção composta por 84 (oitenta e quatro) peças, entre esculturas em madeira policromada, crucifixos em madeira e marfim, e também pinturas sobre madeira.

Uma parte desse acervo é exposto na Matriz de Santo Antônio, na igreja de Nossa Senhora do Rosário - tombadas pelo IPHAN em 1962 - e na igreja de Nossa Senhora da Abadia, todas geridas pela Mitra Diocesana de Paracatu, detentora do referido acervo. Outra parte não exposta era acondicionada na tribuna da matriz de Santo Antônio, tendo sido transferida, por motivo de segurança, e acondicionada em um pequeno cômodo na Casa Paroquial, lá permanecendo desde a década de 70.

Com o desenvolvimento dos trabalhos de conservação e restauração, houve a necessidade de dividir esse acervo em grupos, levando-se em consideração as degradações verificadas, as dimensões das peças, os níveis de intervenções propostas e, conseqüentemente, a elaboração de um cronograma exequível. O acervo foi dividido em oito grupos, a saber: I - Sem policromia e com grandes perdas; II - Perdas de policromia ou quase íntegras; III - Imagens de roca; IV - Pequenas dimensões; V - Regular estado de conservação; VI - Crucifixos e Cristos; VII - Repinturas totais e VIII - Peças independentes.

Esculturas sem policromia e com grandes perdas

O estudo proposto neste artigo se refere especificamente ao grupo I - sem policromia ou grandes perdas, conforme mencionado acima. Foram selecionadas três esculturas em madeira policromada



Foto: Cláudio Madalini/Cecor

Figura 1 - São Gonçalo do Amarante
Antes da restauração

*Especialista em Conservação/Restauração
Mestre em Conservação/Restauração
Cecor/EBA/UFMG

1. Projeto de conservação e restauração de obras do acervo da cidade de Paracatu, financiado pela Vitae, executado pelo Cecor/EBA/UFMG e coordenado pelos conservadores-restauradores; Mário A. Sousa Júnior, Moema Nascimento Queiroz e Maria Regina Emery Quites, apoiado pela Fundação Casa de Cultura e a Mitra Diocesana de Paracatu no período de 2000 a 2002.



Figura 2 - Santa carmelita não identificada
Depois da restauração

desse grupo, sendo elas: **São Gonçalo do Amarante** (FIG. 1), **Santa não identificada** (carmelita) (FIG. 2) e **Nossa Senhora das Dores** (FIG. 3), que apresentaram degradações muito acentuadas, com perdas da policromia quase total nas duas primeiras esculturas, e perda total na terceira. Nesses termos, poderíamos inferir as possíveis causas de deterioração e as condições a que essas peças foram submetidas quando acondicionadas no primeiro local mencionado, a tribuna da igreja matriz, situada no segundo pavimento da edificação. Essa área não possui forro, fato que favoreceu uma grande incidência de goteiras, com a quebra de telhas e grande concentração de umidade no interior do recinto. Nessas condições climáticas, a movimentação do suporte madeira, causada pela absorção de umidade (higroscopicidade), é evidenciada e confirmada quando se analisa o comportamento climático da região. Nas comparações com as peças expostas nas igrejas, ficou evidente que as causas de deterioração eram principalmente a infestação por xilófagos ou intervenções inadequadas. As peças aqui selecionadas apresentavam perdas gradativas da policromia em desprendimentos sucessivos ao longo do tempo. Depois, a transferência para o pequeno cômodo na Casa Paroquial, ambiente mais seco em comparação com o anterior, e a conseqüente perda de umidade e a grande insolação recebida, principalmente no período da tarde, propiciaram movimentação dos suportes, colaborando para que as peças permanecessem em processo de deterioração, condições também verificadas em outras esculturas ali acondicionadas.

As imagens selecionadas para este artigo tinham perdido totalmente as faces, sendo que a Santa não identificada e a Nossa Senhora das Dores perderam também as duas mãos. O São Gonçalo do Amarante perdeu a face, o antebraço e a mão direita. Essas imagens perderam grande parte da policromia ou conservaram apenas resquícios. Vistas no conjunto de todo o acervo, suscitavam muitos questionamentos quanto aos seus atuais estados de conservação.

No que se refere à conservação dessas esculturas, foram tomados como critérios norteadores dos trabalhos os aspectos estéticos e históricos, considerando o contexto em que elas se inserem. Adotou-se uma "conservação arqueológica", resgatando unicamente as informações contidas a partir dos fragmentos de policromia existentes. Realizou-se um tratamento estrutural, com a consolidação do suporte, refixação da policromia em desprendimento e apresentação estética nos fragmentos.² Considerando os resultados obtidos com a valorização das obras enquanto testemunhos de uma época, é evidente que tais peças já não pertencem ao conjunto das imagens de culto, pois não possuem partes importantes (faces, olhos, mãos e atributos), para

2. QUEIROZ, Moema N., SOUSA JR. Mário A., QUITES, Maria Regina E., *Conceptos y criterios para la conservación de un conjunto escultórico em grave estado de deterioro*. In: Preprints of 13th Triennial Meeting of ICOM - Committee for Conservation, Rio de Janeiro, 22-27 September 2002. v.II, p.952.

que haja uma comunicação direta com os fiéis. Portanto, não poderiam ser expostas nas igrejas, sendo, assim, transformadas em objetos museais, documentos históricos integrantes de um acervo museológico a serem expostas em um contexto didático.

De acordo com as características estilísticas das esculturas, evidenciadas pela linearidade e centralização das representações, poderíamos situá-las no princípio do século XIX, prenúncio de um neoclassicismo precoce.³ Quanto à policromia, algumas áreas possuem resquícios de douramento, porém, quase não existe informação para se estabelecer um período mais preciso de manufatura.

A principal questão no tratamento e exposição futura desse conjunto escultórico reside nas mencionadas perdas de suporte das esculturas, que atingiram partes essenciais da expressividade das figuras. A princípio, poderíamos analisar como um processo de adaptação tecnológica para a colocação de olhos de vidro, processo utilizado na fatura de imagens. Mas isso se torna questionável ao pensarmos na falta das duas mãos e não de uma das mãos, como é usual. Nessas três esculturas os cortes são incisivos e aleatórios, conforme mostrado (FIG. 4).

As partes faltantes deixam várias dúvidas quanto à identificação das imagens. Uma delas foi identificada apenas pelo hábito com santa carmelita, especialmente pela presença do escapulário, mais evidente após a intervenção de conservação, mas foi impossível ir além, pela falta das mãos e dos possíveis atributos. No caso da imagem identificada por Nossa Senhora das Dores pelos clérigos, suscitaram-se algumas dúvidas também pela falta das mãos (FIG. 5) e de atributos. Nesse caso específico, a representação de Nossa Senhora das Dores em posição assentada é incomum, mas conhecemos alguns casos, como este em que Nossa Senhora das Dores está assentada e segurando com as mãos um coração. No caso da representação do São Gonçalo do Amarante, fica evidente um dos seus principais atributos, como a representação da ponte em dois arcos plenos na base e evidências da presença do livro seguro pela mão esquerda.

Breves antecedentes históricos da cidade de Paracatu

Último rincão da exploração aurífera no período colonial brasileiro no início do séc. XVIII em Minas Gerais, o povoado iniciado pela ação dos bandeirantes e assentado no vale do rio Paracatu teve sua elevação a Arraial de São Luiz e Sant'Ana das Minas de Paracatu em 1756. Em 1798, é elevado, a Vila de Paracatu do Príncipe, comarca da Manga, continuando então a pertencer ao bispado de Olinda e Recife. A antiga paróquia de Santo Antônio da Manga foi criada no ano de 1755, assim como as igrejas de Santana e Rosário, construídas em 1736 e 1744 respectivamente,



Figura 3 - Nossa Senhora das Dores
Depois da restauração

Foto: Cláudio Nekulin/Ceovox

3. OLIVEIRA, 1984. p.15



Figura 4 - São Gonçalo do Amarante
Detalhe do corte na face
Depois da restauração

e pertenciam a esse mesmo bispado. Vale notar que, a comarca da Manga era muito distante de Olinda e Recife, e as terras à margem esquerda do Rio São Francisco, como o vale do rio Paracatu, estavam ligadas diretamente a esse bispado. Essa situação permaneceu até 1929, quando passaram a pertencer ao bispado de Diamantina e, logo após, ao de Uberaba e Montes Claros, respectivamente. Só em 1962 Paracatu veio a sediar um bispado na cidade, tendo sido feitos os tombamentos da igreja Matriz de Santo Antônio e da igreja de Nossa Senhora do Rosário, conforme mencionado anteriormente.

A extração de ouro de aluvião foi a principal atividade exercida no vale do rio Paracatu no século XVIII, e o declínio dessa produção aurífera no final do século XIX veio dar lugar à atividade pecuarista, com ênfase na produção do couro e agricultura de subsistência. A sociedade era composta pela força produtiva baseada no escravismo, com concentração de latifúndios, tanto para a exploração aurífera como também para a criação do gado leiteiro ou de corte. Isso propiciou a formação do contingente populacional constituído pelos proprietários rurais de maioria branca, por clérigos, pardos e negros (forros ou não), composição social característica dos arraiais e vilas no período colonial brasileiro até o período do império. Atualmente, a base econômica preponderante na cidade é a pecuária que, na última década de 60, pela proximidade com a capital federal, Brasília, veio consolidar a vocação para a criação de gado leiteiro, de corte e produção de couro. Nessa época, o acervo de arte sacra teve visibilidade e valorização, atraindo também interesses escusos.

As informações relativas ao acervo foram coletadas, na sua maioria, em fontes informais, e obtidas através dos clérigos e fiéis, que, de algum modo, acompanham o acervo no transcorrer do tempo, sendo mencionada por parte de alguns fiéis a possibilidade de vandalismo perpetrado pelos "revoltosos", referência à rebelião ocorrida em 20 de julho de 1842. Movimento político iniciado em Minas Gerais e São Paulo, com o confronto de interesses entre conservadores e liberais e a formação da Guarda Nacional por esses últimos, no intuito de preservar os interesses dos grandes proprietários rurais, tendo como objetivos: mudança do sistema unitário para uma monarquia federativa, extinção do poder moderador e instalação do parlamentarismo. Liberalismo que já se articulava nas lojas maçônicas do Rio de Janeiro em 1832. Mas, de acordo com Pimentel.⁴ *"Não se encontra nas atas nenhum comentário a respeito do comportamento político dos revoltosos durante o período de dominação liberal em Paracatu"*.

Tomamos também depoimento do Sr. Neiva, considerado o mais antigo cidadão paracatuense, sobre a Revolução de 1930, outro momento histórico em que a cidade recebeu as companhias ligadas à Coluna Prestes, tendo ele deixado claro que, de acordo

4. PIMENTEL, 1998. p.92.

com seus conhecimentos e lembranças, não houve nessa ocasião nenhum fato relacionado a vandalismos em igrejas, por parte dos revoltosos.

Algumas possíveis conclusões

No contexto acima delineado e considerando o final do terceiro quartel do século XIX é que poderemos inferir sobre possíveis acontecimentos perpassados por essas esculturas em madeira policromada no decorrer do tempo.

Inicialmente, faz-se necessário esclarecer que, durante o Império, o catolicismo era a religião oficial, tendo como regime o Padroado, no qual o monarca exercia os poderes do *placet*, isto é, o conhecimento da correspondência entre os bispos brasileiros e o papa na administração eclesiástica. A maçonaria brasileira compartilhava do anticlericalismo, indo ao encontro das aspirações liberais, e, nesse ponto, vale ressaltar que, numa época em que não havia partidos políticos estruturados, as redes de lojas maçônicas constituíam instrumento de ação política a serviço dos objetivos, ideais e preconceitos da burguesia da época.⁵ Diante do confronto iniciado efetivamente em 1872, com a interdição, pelo bispo de Olinda e Recife D. Vital Maria Gonçalves, das irmandades e confrarias as quais teriam entre seus membros integrantes da maçonaria, sendo essa interdição aplicada em todas as ordens sob sua jurisdição, tal decisão se configurou, não mais como uma aplicação da lei canônica, mas como um conflito diplomático entre a Igreja, a Santa Sé e o poder Imperial Brasileiro.

Considerando a atuação da maçonaria na Vila de Paracatu do Príncipe⁶ e sua relação com a Igreja, embora não possuindo bases concretas para uma afirmação categórica no que se refere aos reflexos relacionados diretamente com a Questão Religiosa no Brasil em 1873, vale mencionar que, a essa época, os clérigos, assim como as irmandades e confrarias, estavam subordinadas ao bispado de Olinda e Recife.

Como conseqüências imediatas às interdições e à suspensão do Deão da Sé de Olinda pelo bispo, foram verificadas manifestações populares a 14 de maio de 1873 no Recife, lideradas por José Mariano. Houve profanações e "Atos de puro vandalismo" conforme chama o próprio D. Vital, referindo-se ao Colégio e sua Capela da cidade.⁷

Em uma análise mais abrangente, atos de iconoclastia ou mutilações de imagens já foram verificados em variados momentos da história desde o século VIII, tanto no que se refere aos atos perpetrados contra imagens pertencentes ao catolicismo, como em outras religiões ou seitas, constituindo uma ação que tem como grande motivo uma indignação político-religiosa gerada pela intolerância.

A partir dos acontecimentos documentados e cotejados



Figura 5 - Nossa Senhora das Dores
Detalhe da rachadura e falta das mãos
Depois da restauração

5. CAMILO, 1968. p.156.

6. MELLO, 1994.p.102

7. VILLAÇA, 1974. p.47

na bibliografia consultada, uma grande pergunta se faz presente: Teriam sido as obras aqui estudadas, em sua passagem pelo tempo e em algum momento da vida político-religiosa da cidade de Paracatu, degradadas intencionalmente, ou melhor, vandalizadas? Consideramos que essa última hipótese teria maior probabilidade de ter ocorrido.

AGRADECIMENTOS

Ao Cecor - Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, a Vitae - Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social, à Fundação Casa de Cultura de Paracatu na pessoa do Sr. Tarzã Leão, à Mitra Diocesana de Paracatu na pessoa do Monsenhor Benedito G. dos Santos e à conservadora-restauradora Nilza Moraes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FLORES, Moacyr. *Dicionário de história do Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. 635p.

GUERRA, Flávio. *João Alfredo e a questão religiosa: documentos históricos do seu arquivo*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. Biblioteca Central, 1976. 93p.

MELLO, Oliveira. *As minas reveladas: Paracatu no tempo*. Paracatu: Prefeitura Municipal de Paracatu, 1994. 239p.

OLIVEIRA, Myriam Ribeiro. Escultura colonial brasileira: um estudo preliminar. *Barroco*, Belo Horizonte, v.13, p.7-32, 1984.

PIMENTEL, Helen Ulhôa (org.). *Uma cidade muitas histórias*. Paracatu: Prefeitura Municipal de Paracatu, 1998. 164p.

TORRES, João Camilo de Oliveira. *História das idéias religiosas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1968. 324p.

VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília, 1980. 409p.

VILLAÇA, Antonio Carlos. *História da questão religiosa no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1974. 177p.